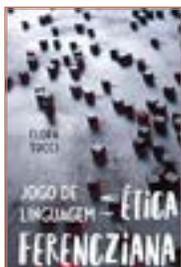


## **JOGO DE LINGUAGEM E A ÉTICA FERENCZIANA.**



FLORA TUCCI.

1ª EDIÇÃO – 2020 pp. 156

EDITORA: 7 LETRAS



Nas palavras de Danilo Marcondes, que assina o prefácio do livro: “Ludwig Wittgenstein, na filosofia da linguagem, e Sándor Ferenczi na psicanálise, são dois dos pensadores mais originais do século XX. Mas, nunca houve um encontro entre ambos e muito provavelmente ignoraram as obras um do outro pela diferença de área e por circunstâncias do contexto, embora fossem praticamente contemporâneos. Flora Tucci promove esse encontro através de temas que possibilitam uma interação inovadora e produtiva entre os pensamentos desses dois autores que torna possível um diálogo não realizado, mas que, como o leitor verá, não só faz todo o sentido, mas abre novos caminhos de interlocução e de desenvolvimento para questões cruciais na filosofia e na teoria psicanalítica. Suas leituras e sua experiência clínica permitem uma rara e profundamente original articulação entre temas e autores que não encontramos relacionados na literatura especializada em ambas as áreas, filosofia da linguagem e psicanálise.”

Este livro representa, sem dúvida, um ponto culminante nas pesquisas sobre Sandor Ferenczi empreendidas pela nova geração de psicanalistas. Convoca a todos nós a assumir uma ética que inverte, de maneira radical e, ao mesmo tempo, sábia, o tradicional preceito de que não devemos entrar no jogo do paciente. Pelo contrário, a ética de Ferenczi consiste em aceitarmos, sem reservas, entrar no jogo daqueles que foram silenciados, anulados, desmentidos, e, desde seu interior, compormos, juntos, aquilo que Flora Tucci considera como a chave do horizonte clínico e ético de Ferenczi: uma nova partida, um novo começo, uma nova existência.

Nas palavras de Leonardo Câmara, Flora Tucci mobiliza a ideia de jogo de linguagem para nos fazer ver, em toda a sua materialidade, a ética de Ferenczi, a qual se expressa na sua prática clínica, na sua capacidade de se destruir e se recriar, na sua convicção de que a eficácia terapêutica é um norte inalienável do trabalho analítico. Longe de o jogo de linguagem ser um constructo que visa colonizar e se impor sobre a obra ferencziana, ele é uma ferramenta habilmente utilizada pela autora. O resultado desse emprego é não apenas evidenciar a ética de Ferenczi, como também trazer para a cena uma outra perspectiva de linguagem – radicalmente distinta da que goza de hegemonia na cidadela psicanalítica –, e, por fim, mostrar a história, certamente trágica, de um psicanalista em busca de sua própria voz, de seu próprio agir, de sua própria sensibilidade.

Flora Tucci é psicanalista, doutora em Filosofia pela puc-Rio, associada ao Fórum do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro e membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi.

### **INTRODUÇÃO**

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, muitas vezes me foi questionado como seria possível propor uma interlocução entre Ferenczi e Wittgenstein. São autores sobre os quais não se tem muita notícia de articulações e que, a despeito de terem sido contemporâneos, não se encontraram. Inicialmente pode parecer estranhamente híbrido, mas penso que o ponto de articulação aqui proposto é um campo fértil, onde

ambos os pensamentos se potencializam. Um grande amigo, André Stock, me colocou que possivelmente não se trata de hibridismo, mas de crítica. Cito suas palavras:

Poderia dizer que o antônimo de “híbrido” é “puro”. É justamente contra uma certa ‘pureza’ –nem falemos da teologia!– que se dá a sua demanda ética. Assim, eu seria menos polida: o que você chama de “híbrido” é crítica, escrutínio, exame, tudo aquilo que Husserl e Descartes chamam de operação de derrocada necessária do edifício das vaidades alheias, para a reconstrução do novo. Isto é, o trabalho antidogmático da filosofia.

Penso que esta observação capta um ponto importante de inspiração e desafio: desenvolver um trabalho onde a filosofia é tomada como uma ferramenta de leitura do pensamento ferencziano. Uma certa derrocada do “edifício das vaidades”, propondo o que poderia ser tido como uma “simples” aplicação do jogo de linguagem proposto por Wittgenstein. Mas defendo que esta “simples” aplicação é um forte exercício de colocar a filosofia em movimento e articulação com uma certa dimensão prática, tendo em vista que a leitura aqui proposta de Ferenczi tem como elemento central sua clínica.

A perspectiva ferencziana nos meus primeiros estudos chegou de forma que as reflexões se mantiveram instigantes, mas ao mesmo tempo estranhamente fragmentadas, como algo que não estava no lugar certo, que precisava se ajustar para fazer sentido. Contudo, quanto mais me aproximava desse pensamento, mais entendia que esse elemento inicialmente estranho era próprio da escrita ferencziana, e a concepção de jogo de linguagem de Wittgenstein apresentou-se como uma ferramenta de compreensão e fluidez para essas leituras. O intuito é que se possa mostrar os meandros desse percurso e abrir caminho, a quem interessar, para novas experiências e leituras.

Com o trabalho já em estágio avançado -mesmo que possa parecer um pouco óbvio-, notei que o ponto principal de inspiração para aproximar Ferenczi e Wittgenstein, na perspectiva aqui proposta, é a questão da linguagem. Em ambos, a linguagem está presente de modo central. Mas se trata da linguagem numa perspectiva em que lhe é tirada qualquer força transcendente, estrutural ou de primazia. Linguagem que perde sua função primordial de habilidade humana, que seria o que nos define como seres racionais, dotados de algo que os animais não têm, que nos permite experimentações que nenhum outro ser experimenta.

A linguagem em ambos os trabalhos pode ser entendida como uma ferramenta que permite aos autores se relacionarem de forma viva, dinâmica, com suas obras e leitores. Autores que desnudam símbolos e metáforas, elementos esses que levariam a uma elaboração que torna a palavra rebuscada, refinada. Autores que aproximam a linguagem do agir, da prática. Que desdivinizam<sup>3</sup> a linguagem e, assim, a nós, seres humanos.

Nesse sentido, é pertinente notar a citação de uma passagem de Nietzsche apresentada no início do artigo “Fenômenos de materialização histórica (uma tentativa de explicação da conversão e do simbolismo histórico)” (Ferenczi, 1919): “Percorreste o caminho que vai do verme ao homem, e, sob muitos aspectos, ainda és verme. Noutro tempo fostes macaco e hoje o homem é ainda mais macaco do que todos os macacos” (Ferenczi, 1919, p. 43). Algo de primitivo é posto em centralidade: vemos em nós, seres humanos, aspectos que desfocam a nossa dimensão de seres evoluídos claramente distinguidos pela nossa capacidade linguística verbal e que, inversamente, nos mostram como dotados de uma linguagem que está inserida e “misturada” com todas as “etapas” de nossa experimentação como seres vivos.

Dessa forma, faço um convite para buscarmos, como nos propõe Wittgenstein em suas Investigações filosóficas (Wittgenstein, 2001a), um fazer filosófico que questione a necessidade de um rebuscamento de conceitos ou ideias:

(...) E isto estava, sem dúvida, em conexão com a própria natureza da investigação. É que ela nos compele a viajar por meio de um vasto domínio de pensamentos, a torto e a direito, em todas as direções. (Wittgenstein, 2001a, p. IX, tradução nossa).

Nesse vasto domínio que se percorre em todas as direções, vamos aces- sando a experiência teórica de forma mais sensorial, permitindo que sejamos guiados pela possibilidade de captarmos a nossa integração

com o corpo, com o mundo e com os outros seres. Linguagem como conexão, possibilidade de existência e lugar de legitimação de subjetividades singulares. Linguagem não somente como algo que todos partilham universalmente, mas também como ponte entre os jogos de linguagem que cada ser constrói para se inserir no mundo e propor convites de experimentações de trocas dentro desses jogos.

Veremos como isso pode ser uma lente interessante para ler Ferenczi, ao permitir captar como o seu pensamento se transforma ao longo do tempo, não sendo somente transformações bem demarcadas de jogos de linguagem, mas um intrincamento de vários jogos de linguagem, no qual se leva em conta a sua capacidade conectiva por meio das convocações e dos desafios clínicos. É nesse sentido que se ressalta a dimensão ética no pensamento ferencziano.

Assim, o fazer filosófico, dentro de uma perspectiva investigativa, abre caminho para que o trabalho de evidenciar a dimensão ética em Ferenczi não seja o de edificar um pensamento sobre o tema, mas uma possibilidade de transitar na obra desse autor com um olhar que busca captar a potencialidade dessa dimensão em seus escritos.

**Flora Tucci**

*Volver a Publicaciones sobre Ferenczi en Portugués*

*Volver a Publicaciones*

*Volver a News-19-ALSF*